

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
2\$000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Um retrato do Guerra Junqueiro — Pitada ecclesiastica; *Satanaz da Silva* — Sombra, soneto; *Alberto de Oliveira* — Prostituição no Rio de Janeiro; *Dr. H. de Sá* — A vida elegante; *Lorgnon* — Canção de viagem, poesia; *Lucio de Mendonça* — Critica scientifica — Bolos; *Chico Ferula* — Marinha, poesia; *João Ribeiro* — Quatro poemas — Horas do bom tempo; *Lucio de Mendonça* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? (Novas revelações) — Poesia e poetas — Tratos à bola; *D. Pastel* — Recebemos — Consultas — Correio — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 7 de Março de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Entre nós é sempre assim.

O nosso povo, que é incontestavelmente bondoso e caritativo, conserva-se e passa indifferente diante das maiores desgraças, dos mais tristes espectaculos, absorvido pelos seus negocios, atordoado, distraído, enovellado no turbilhão de interesses desta vida fluminense, tão agitada e tão melancolica! Mas lá vem um dia em que alguém, geralmente da imprensa, lhe diz que é preciso soccorrer os que soffrem, alliviar os effeitos de tal catastrophe; e o concita a concorrer para essa obra de caridade.

O povo, o nosso bom povo, detem-se então um instante; uma parte acompanha o convite ou acode ao pedido que lhe é feito; outra parte, a maior, continúa na vertiginosa carreira em que a arrastam os negocios. O ponto está em principiar. Logo que dois, tres, meia duzia, comecem a fazer isto ou aquillo para tal ou tal fim, duzentos, trescentos, um milhar de outros entram sem demora a imital-os.

E está tomado o impulso; já não ha meio de sustar a marcha do comboio.

Dentro em poucos dias—duas mil, tres mil, vinte mil, cem mil pessoas fazem o mesmo que a primitiva meia duzia.

A vaidade, o capricho, o espirito de imitação, a sensibilidade d'alma, tudo isso opera e coopera para aquelle resultado.

O exemplo mais recente do que affirmamos está no facto dos soccorros á Andaluzia. Ninguém se lembrava dos terremotos. Mas teve *O Paiz* a feliz inspiração de levantar a idea de soccorrer as victimas d'elles.

Ao grito «*Soccorramos a Andaluzia!*» — erguido pela imprensa, poucos a principio corresponderam; mas dias após, não havia quem não ardesse de compaixão pelas infelizes victimas sobreviventes á catastrophe; não havia bolsinho que não estremecesse no bemdito desejo de chorar alguns vintens sobre aquellas desgraças. Planeou-se, organisou-se, fez

se o grande bando precatório, que foi uma cousa assombrosa e cujos resultados corresponderam aos esforços empregados.

Pois senhores, no dia seguinte começaram a apparecer bandos precatórios de todos os tamanhos e feitios, em toda a parte, a todas as horas!

Havia bandos precatórios—a dar com um pau.

A febre da imitação invadia epidemicamente todos os corações generosos. E os bandos deixavam de ser—precatórios, para tornar-se realmente—*cacetorios*. Sugeitinho havia que tinha o *topete* de se constituir em bando, e, assim pluralizado por um milagre da Caridade, sahia a esmolar para a Hespanha. Era preciso pôr de banda os bandos.

Foi o que fez *O Paiz*, á moda do diabo:—armou-as e desarmou-as.

Teve a franqueza de declarar que bastava de bandos. Fez *O Paiz* muito bem. E acabaram-se os bandos.

Parece que agora vae *pegar* para o mesmo generoso fim a praga das polyanthéas.

Emfim... se puderem produzir alguma cousa em favor dos miseros andaluzes... que venha! Nós estamos resignados.

*
**

Discutio-se um pouco na imprensa, muito menos comtudo do que se devia, o escandaloso privilegio concedido pelo ministro da agricultura a Ferdinand Felizardo para colher durante 15 annos todos os frutos das palmeiras Merityts, existentes nas mattas dos terrenos de volutos, comprehendidos entre as provincias do Amazonas e da Bahia.

A palmeira Merity é uma especie de caixa do Hermann:—dá de tudo. Oleo, botões, cordas, esteiras, carvão...o diabo! A odiosa concessão vae reduzir á miseria milhares de individuos que viviam da pequena industria de explorar aquellas palmeiras e as innumeradas familias que as exploravam para usos domesticos, e que agora vão ser obrigadas a comprar os productos variadissimos das taes palmeiras e sabe Deus por que preço! Este revoltante privilegio merecia mais do que a *bala de estalo* que lhe dedicou a *Gazeta*: merecia uma boa duzia de bollos...nas mãos do ministro que o concedeu.

Agora está consummado o facto.

E este é o *paiz* dos factos consummados. Por conseguinte:

Bôa noite, palmeiras Merity!

*
**

Inaugurou-se no dia 1 do corrente no *Polytheama* a grande *hermesse* promovida para augmentar as beneficencias da «Associação dos Empregados do Commercio» e deve encerrar-se amanha. A concorrência tem sido enorme e os resultados superiores á expectativa.

Parabens á «Associação» que vae estar em condições de multiplicar o nu-

mero das beneficencias e augmentar as que já sustenta.

*
**

O Dr. Costa Ferraz, vereador bem conhecido, protestou para S. Magestade contra o novo monopolio despotico, escandaloso e odiosissimo—da matança de gado, ultimamente ordenado pela *Illustrissima* em favor de um outro Fuão Felizardo.

O Dr. Ferraz, protestando *totis viribus* contra essa nova bandalheira, protesto em que o acompanharam alguns dignos collegas—cumprio o seu dever, mas perdeu o seu tempo.

Post tantos, tantisque la... bores, depois de tantas e tão grandes façanhas, depois do celeberrimo pagamento dos 20 contos e da candidatura de Fagundes, que estaria agora dentro da combuca municipal se não fosse macaco velho, depois de haver chegado a *Illustrissima* ao miserimo extremo de chamar os seus innumeráveis e infelizes credores para uma reunião, afim de se combinar uma concordata, naturalmente com uma infinita moratoria—depois d'isso, já não ha que estranhar nem contra que protestar em cousas da Edilidade.

Até aqui eram os urubús que comiam os cadaveres.

Pois, ao contrario do que se tem visto, a Camara é hoje um velho urubú de mata-douro... monopolizado, coberto de cadaveres.

Mais dia, menos dia—devoram-n'o. Pobres cadaveres!...

*
**

Agora, se lembrarmos o caso da infeliz Catharina Neyer, que ainda se não sabe se era suissa ou hungara; a morte prematura e lamentavel do talentoso e jovem pintor Generoso Frate, victima da febre amarella; e o passamento da baroneza Nogueira da Gama e do barão de Almeida Ramos e do antigo medico da policia Dr. Souza Lemos; a noticia de que Suas Altezas estão em viagem de regresso a esta capital; o aviso do Sr. ministro do imperio dispensando os estudantes acatholicos do estudo de Direito Ecclesiastico; aviso, que, com razão não mereceu ser approvado pelo lapis imperial e fatidico; a representação dos lavradores de S. José do Rio Preto á camara dos deputados, pedindo o praso de 10 annos para extincção do elemento servil, e lembrando medidas compressoras e vexatorias que não podem ser acceitas; se accrescentarmos ainda a *primeira do Palhaço* no theatro Lucinda e a primeira da *Cocota* no theatro Sant'Anna, e se por fim dissermos que a semana foi tão chólha como a proxima *futura* falla do throno, embora menos vasia do que a cabeça de *Quidam*, o *Escara-moço*, — teremos escripto fielmente a historia dos sete dias.

Pois ali está como se escreve a historia.

UM RETRATO

DE
GUERRA JUNQUEIRO

A *Semana* vae ter a honra de brindar o publico em geral e os seus assignantes em particular com o ultimo retrato do celebre auctor da *Morte de D. João*.

Guerra Junqueiro não gosta de se fazer photographar. O unico retrato que d'elle se conhece aqui é o que acompanha a segunda edição d'aquelle poema, publicado em 1876.

E' portanto uma grande, uma extraordinaria novidade — um novo retrato do illustre poeta.

Mas o que vamos publicar no nosso n. 13 não é um retrato commum; tirado na posição e da fórma porque se tiram todos os retratos.

Guerra Junqueiro não se fez photographar como qualquer burguez, nem mesmo como qualquer escriptor, por mais original e mais inimigo da rotina.

Guerra Junqueiro fez-se photographar... com um padre. Sim, meus senhores, com um padre! — o padre mais padre de quantos padres pululam n'aquellas boas terras lusitanas; o exemplar mais completo e perfeito do cura de aldêa.

Como conseguiu o revolucionario rubro, o atheu rebelde, o iconoclasta impavido da *Morte de D. João* e da *Morte de Jehovah*, como conseguiu elle tirar o retrato em companhia de um anafado e chorumento parochio minhoto?

Oh! *c'est toute une histoire!*

Sabel-o-hão em o nosso n. 13.

Será contada por *Julio Verim*, o espi-rituoso e delicado folhetinista, amigo intimo de Junqueiro, a quem este remetteu a photographia que vamos reproduzir.

A' sua extrema amabilidade e á boa estima que nos une, devemos poder ornar e distinguir a nossa folha com a reproducção lythographica d'essa preciosa e engraçadissima photographia.

O trabalho artistico já está confiado a um dos mais conhecidos e distinctos retratistas a *crayon*, — o Sr. Valle, e será acompanhado, como já dissemos, por um artigo escripto por *Julio Verim*.

Como se vê, não perde *A Semana* occasião, em seu interesse e no interesse dos seus leitores, de se tornar — interessante.

Prova-o esta extraordinaria novidade e hão de proval-o ainda outras novidades que estamos preparando.

Saiba o publico corresponder aos nossos esforços.

Chamamos a attenção dos leitores para os TRATOS Á BOLA d'este numero d'*A Semana*.

PITADA ECCLESIASTICA

— Qual é a ave mais conhecida, que mais se ouve á noite e cujo canto monotonico não varia nunca?

E' a coruja.

Não: é a ave-maria.

SATANAZ DA SILVA.

SOMBRA

Mulher, não te conheço!
G. CRESCO

Vens de um sepulchro, as cinzas remechendo,
Os ossos que encontraste á mão reunindo,
Fria, pallidamente fria, e enchendo
De pranto o horror da morte, averno e infundo.

E que sepulchro descoberto e horrendo
E' este?... Olho-o e o conheço, a um tempo ouvindo
Nelle os meus e os teus ais, que em som tremendo
Vão-se, ao modo dos lemures, carpindo.

Vens do passado, Sombra, e uivando choras!
Seguem-te em poz cadaveres medonhos,
Meus dias mortos, lividas auroras...

Mas que me queres tu? Se é fome impura
Que ainda te rôe, sacia-te nos sonhos
Que levaste contigo á sepultura.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

I

TRAÇOS GERAES

(Continuação)

Não sei e nem é possível comprehender como se deixe tambem sem a menor inspecção sanitaria a casa, a propria residência d'essas infelizes, que nem ao menos merecem as vistas da hygiene publica.

Algumas d'ellas, ou a maior parte, são habitações mephiticas, deletereas e toxicas, sem condições salutaras, humidas e acanhadas como os vicios que afagam, com pouca luz, tendo constantemente em circulação o virus syphilitico. Impregnadas do miasma desde o solo até ao tecto, recebem no seu seio não só os inexperientes, mas muitos outros que ao sahirem d'ali, vão diffundir milhares de vezes o que lá receberam.

E' n'esses antros, é n'essas asquerosas possilgas, permittam-me as denominações, que, segundo me consta, põe-se em leilão todo o genero de obscenidades. Diz-me que a moral alli é um escarneo; e, no emtanto, a sociedade c'ha com indifferença para ellas, frequenta-as mesmo; o homem, o proprio chefe de familia compra ali prazeres, quasi sempre á custa da miseria e da existencia de si e de seus filhos.

Nem se lembram da cachexia venérea! Comprehendo perfeitamente que esta linguagem não agradará a todos, e não sei se a totalidade dos que lêem estes artigos estarão de accordo com o meu sentimento, porém o que é verdade é que não se pôde presenciar estas ignominias sem um brado de indignação, não se pôde, na actualidade, em que tudo falla de progresso, vêr tal cynismo, sem um protesto vehemente e energico.

Em um assumpto como este, delicado e grave, nem todos sabem fallar com a precisa franqueza com receio de offender susceptibilidades, mas essa franqueza torna-se necessaria e urgente, para que se chame sobre a questão a efficacia da lei, que é a primeira responsavel por essas existencias e organizações minadas e pervertidas pela peste syphilitica!...

Se me fosse possível dispôr de maior espaço nas columnas d'este hebdomadario, eu apresentaria já uns poucos de casos da minha clinica para provar as asserções que tenho sustentado.

Cansaria, entretanto, os que me lêem, porque é de conhecimento banal tudo isso, mas tornaria este trabalho pratico e de mais valor.

Os que legislam, porém, têm a precisa illustração e bom senso para, conhecendo estas verdades, procurar suffocar

o vulcão, o qual arrasta na sua lava conjunctamente a vida do homem e a perfectibilidade da raça!

O serviço das mulheres publicas, que não deve ser prohibido pelas razões que já expendi, necessita ser bem policiado, o que não acontece.

Presumo que alguns pessimistas, com seu sorriso sarcastico, tractarão de criticar tudo isto que estou escrevendo, mas não importa. Envolverei a sua opinião com a incuria torpente e o cynismo inexplicavel com que se olha para essa questão e outras que desgraçadamente pesam sobre a capital da minha querida patria.

— Será necessario reformar, antes de tudo, a Junta Central de Hygiene Publica, dando-lhe todo o poder e autonomia? Faça-se, porque, de facto, ella não pôde prestar serviços valiosos da maneira porque se acha organizada. O seu illustradissimo Presidente e meu conceituado mestre, refere no seu relatorio do anno passado:

« Ninguem dirá que o serviço de saude publica entre nós tenda a approximar-se do apogeo da perfeição. A organização d'este serviço, a nossa incompleta legislação sanitaria e fiscalisação e o *modus faciendi* das medidas sanitarias são de tal sorte eivadas de graves defeitos e mergulhadas em tanta desordem que urgente se torna refundir tudo quanto ha feito e substituir por novos codigos e novos regulamentos, o que equivale a uma reforma radical; providencia, aliás, de ha muito reclamada e que de mais a mais se mostra necessaria, se quizermos marchar em paralelo com outros desenvolvimentos do nosso paiz e com o progresso n'este ponto realizado pelos paizes estrangeiros. »

Folgo muito quando cito abalisadas opiniões como esta.

Sou medico e sei que o dogma hyppocratico ergue-se contra todas as aberrações do espirito humano, que gera as trevas do mundo physico e moral!

Como apostolo d'essa religião do sabio de Cós, devo cooperar para que esse estado de horrores seja melhorado, porque assim trarei beneficio para a humanidade, apezar de ter consciencia de que minha voz, ou antes, tudo o que sahe dos bicos da minha penna é pallido e sombrio.

Desde os tempos mais remotos, desde as épocas de mais atrazo que a prostituição tem occupado a attenção dos legisladores e tem sido submettida á jurisdicções especiaes.

Quem não conhece as instituições da Grecia e de Roma, e o famoso regulamento de Carlos VIII?!

Diz Rabutaux na sua obra *De la prostitution en Europe*: « Caligula foi o primeiro em Roma que decretou um imposto ao deboche publico. Alexandre Severo não consentiu que o dinheiro de tal proceencia manchasse o thesouro do Estado. »

Em Athenas, a patria da voluptuosidade, as meretrizes eram entretanto rigorosamente castigadas pela lei que lhes tirava todo o direito de *cidadães*, o que constituia uma especie de morte civil.

Estamos, porém, no seculo XIX, no seculo chamado das luzes e do progresso, e os encarregados de velar pela saude publica nem tomam isso como exemplo, deixando correr tudo como vae.

Não sou de opinião que se use de tanto rigor, que demonstra os poucos conhecimentos d'aquella época, mas que sirva isso para norma de conducta e para que nos envergonhemos de vêr o descabro que, pela comparação, lavra em uma cidade que tem o direito de ser civilisada.

A questão, como se sabe, é quasi toda scientifica, e, apezar de pertencer tambem aos dominios da moralidade, a ge-

ração actual escutará com mais respeito a voz da sciencia do que as leis da moral. Embalada no berço sensualista, parece preferir agora o horror do tumulto á abjuração dos prazeres!

E' isto o que deve combater-se, e na lucta bem merece o medico o primeiro lugar.

Os verdadeiros filhos de Hyppocrates devem ter fé na sua força, para emprender e operar essas revoluções sociaes, d'onde sahe o homem triumphando do vicio e superior a qualquer paixão!

(Continúa)

DR. HENRIQUE DE SÁ.

A VIDA ELEGANTE

A Sociedade Dramatica União Familiar da Gavea realisou no domingo 1 de Março a sua recita mensal, offerecendo ao seu escolhido publico um delicioso espectáculo.

As 8 ½ levantou-se o panno do palco e o espectáculo rompeu com a comedia em um acto—*Duas lições n'uma*—boa e bem desempenhada.

A esta seguiu-se *Os primos*—bem interpretada tambem ;—*O Fusileiro apaixonado*, cantado em francez pelo Sr. A. Braconot, cahio verdadeiramente no gosto do publico.

A. Braconot conta apenas 16 annos e mostra desde já um talento muito aproveitavel para o palco.

Representou-se em seguida—*Furias de Amor* e terminou o espectáculo pela deliciosa comedia de Arthur Azevedo—*Uma vespera de reis*.

Tudo correu perfeitamente bem, notando-se sómente na ultima comedia uma appareção pouco a proposito: foi o Castro.

A es-e que o representou pedimos que o não torne a fazer, porque está fóra da côr local transportar para uma vespera de Reis na Bahia o nosso Urso com a sua bengala e todos os seus bilhetes.

A noite era linda a mais não poder e uma aragem constante refrescava a atmosphera.

No dia 14 haverá um espectáculo em beneficio das victimas de Hespanha.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

LORGNON

CANÇÃO DE VIAGEM

A manhã já doura os montes;
Chega a hora da partida...
Vou levar a errante vida
Para estranhos horizontes.

Por tua alma de criança,
Como nuvem de tormenta
Passa esta alma turbulenta,
Passa—e não deixa lembrança.

Fica em riso e f'licidade,
Fica em festa e alegria,
E leve eu n'alma erradia
Toda a noite da saudade.

Eu de nada mais preciso,
Que dentro d'alma, escondida,
Levo luz p'ra toda a vida,
Levo a luz do teu sorriso!

Adeus! nos valles sombrios,
Onde soluçam as aguas,
Derramarei minhas maguas,
Chorarei meus desvarios.

Por meus labios entreabertos
Rogar, fugindo, o vento,
E levará meu lamento
Para os barbaros desertos;

E talvez que as feras brutas,
Ouvindo o vento que passa,
Deplorem minha desgraça,
Pelas solitarias grutas.

E tu, risonha criança,
Se souberes da loucura
Que me leva á sepultura,
Talvez rias da lembrança...

Mas en de nada preciso,
Que nest'alma forasteira
Levo luz p'ra vida inteira,
Levo a luz do teu sorriso!

188...

LUCIO DE MENDONÇA.

CRITICA SCIENTIFICA

Quaes os melhoramentos hygienicos que devem ser introduzidos no Rio de Janeiro para tornar esta cidade mais saudavel?

Eis a interrogação que serve de titulo a these monumental, sustentada pelo Sr. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel perante a Faculdade de Medicina.

Ao recebermos este trabalho, abrimol-o com curiosidade, lêmos com avidéz e cuidado e confessamos que concluimos a leitura com saudade.

Vasto como é, ainda assim o ponto que serviu de assumpto á dissertação não foi tratado com a precisa e rigorosa minuciosidade, demorando-se S. S. em largas considerações sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro. Para compensar, porém, essa lacuna que necessariamente dev.a dar-se, por ser o trabalho elaborado por alumno ainda do 6º anno que, embora distincto e applicado, não tinha á sua disposição elementos auxiliares em grande escala, procurou S. S. examinar *de visu* o que de mais essencial escolheu para discutir.

O auctor tratou de dar um cunho pratico ao que escreveu, deixando de parte tudo o que na sciencia moderna traduz concepções imaginarias mais ou menos perspicazes, e que escurecem cada vez mais o campo das interpretações scientificas, ou dão a estas uma face nova, vasia de fundo, apenas bonita, segundo a intelligencia do investigador. Deixou de parte a escola parasitaria tão entusiasticamente recebida, para guiar-se pelo que a clinica e a observação conscienciosa têm positivamente determinado.

No seu gigantesco trabalho, obra de folego, denionstrou exuberantemente a real salubridade do Rio de Janeiro, perturbada apenas por causas supervenientes. Entre essas causas, por exemplo, falla do *vinho artificial*, como uma das mais poderosas e terrives e que constitue uma questão de actualidade, em que a propria imprensa tem-se empenhado.

Apresenta-nos tambem o autor duas plantas da cidade; uma do anno de 1808 e outra propria, levantada em 1884, segundo os dados mais recentes, e que servem para demonstrar o desenvolvimto e progresso que o Rio de Janeiro tem adquirido.

Como primeiro de todos os melhoramentos a introduzir-se com urgencia S. S. pede a reforma fundamental da Junta de Hygiene que necessita realmente de mais interesse e protecção para que possa velar pela saude publica.

Finalmente o Sr. Dr. Pimentel, no seu trabalho, occupou-se proficientemente do ponto da cadeira de Hygiene, tratando da fundação, progresso e desenvolvimto da cidade do Rio de Janeiro, sua geographia, solo, atmosphera, climatologia comparada, descripção do estado da cidade e alimentação.

Conclue, respondendo, com poucas mas vigorosas palavras, á pergunta que serve de titulo á sua magnifica dissertação.

Damos-lhe um aperto de mão sincero

e ficamos satisfeitos em saber que a Faculdade de Medicina reconheceu o seu esforço, pois, approvou-lhe a these com distincção.

H.

BOLOS

A' pedanteria litteraria de Maximiano Pimenta juntou-se agora a mais estolidada pretensão, a mais triste ignorancia, a mais desastrada inepecia e mesmo a mais audaciosa deshonestidade critica de *Quidam*.

Eu me explico. Para isso, porém, vejamos e transcrevamos as palavras que no ultimo folhetim de *Quidam*, no *Pachiderme do Commercio*, se referem ao *Crime do padre Amaro*, notabilissimo romance de Eça de Queiroz, e uma das mais bellas obras da litteratura contemporanea:

« Mas já que aquelles senhores (os que o atacaram e ás suas parvoçadas criticas) querem por força que eu tivesse fallado da obra de Queiroz, dir-lhes-hei que custa-me a comprehender o qualificativo *notavel* applicado a um romance copiado do livro de Zola: *La faute de l'abbé Morin*. Excuso de acrescentar uma unica palavra mais.

Authopsiemos as phrases e justifiquemos os qualificativos que acima demos a *Quidam*:

— « romance copiado do livro de Zola, etc. :—triste ignorancia; vamos demonstral-a.

— « *La faute de l'abbé Morin* »:—desastrada inepecia; pois que, se *Quidam* fosse um menino esperto, procuraria fingir melhor que tinha lido o livro de Zola e escreveria Muret—que é como Zola escreve o appellido de Sergio—e não Morin—que foi apenas a victima de Mme. Clovis Hugues.

— « Excuso de acrescentar uma unica palavra mais »:—audaciosa deshonestidade critica; pois que, o critico que lança sobre um escriptor respeitadado e estimado em dous paizes uma accusação de tal ordem, a accusação mais grave que pôde pesar sobre um homem de letras, e, mais ainda, sobre um homem honrado—porque o plagio é tão vergonhoso para o escriptor como deshonoroso para o homem,—quem lança uma tal accusação, tem o dever de a provar explicitamente, de maneira irrecusavel e incontestavel, com os documentos, confrontando as duas obras, exactamente como com o illustre *Escaravelho* fez ha tempos o actual critico musical do *Pachiderme*.

O critico que atira sobre um escriptor qualquer a pecha de plagiario e não o prova concomitantemente—não passa de um critico deshonesto e de um homem desprezivel e baixo, indigno de que os homens de bem lhe estendam a mão.

Não conhecemos senão de vista o illustre *Escaravelho Junior*; não faremos pois, nenhum juizo ácerca do seu caracter privado, levando á conta de criança e de ignorancia lastimavel as suas palavras a respeito do *Crime do padre Amaro*, que elle não conhece ou não comprehende, assim como não conhece e nunca leu *La faute de l'abbé Morin*, cujo titulo nem sabe escrever. E não nos venha para cá dizer que isto não é verdade, e que houve confusão; o nome de Muret é tantissimas vezes repetido no livro, que não é possivel esquecer-se jamais, principalmente a quem como *Quidam*, viveu em França, e está habituado aos nomes francezes.

Mas para destruir radicalmente a accusação de *Quidam* e fazer calar a garalhada e os chifidos deste pardal de má morte, transcrevemos em seguida a parte do prologo da ultima edição (1880 Chardron, Porto) do *Crime do padre*

Amaro, que se refere á accusação que já ha annos lhe fóra feita e que deu origem aos actuaes destemperos de *l'enfant critique*.

Falla Eça de Queiroz :

«E no Brazil e em Portugal escreveu-se (sem todavia de adduzir nenhuma prova effectiva) que *O Crime do padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. E. Zola—*La faute de l'Abbé Mouret*; ou que este livro do autor do *Assomoir* e d'outros magistraes estudos sociaes suggerira a idea, os personagens, a intenção do *Crime do padre Amaro*!

«Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correcto. *O Crime do padre Amaro* foi escripto em 1871, lido a alguns amigos em 1872 e publicado em 1874 (*). O livro do Sr. Zola, *La faute de l'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da serie *Rougon Macquart*), foi escripto e publicado em 1875.

«Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insufficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cerebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado entre as fórmas ainda indecisas das suas creações futuras, a figura do abbade Mouret, exactamente como o veneravel Anchises no valle dos Elyseos podia ver entre as sombras das raças vindouras fluctuando na nevoa luminosa do Lethes, aquelle que um dia devia ser Marcellus. Taes cousas são possiveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinarias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céos, e outros prodigios provados.

«O que, segundo penso, mostra melhor que a accusação carece de exatidão é a simples comparação dos dous romances. *La faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episodio central, o quadro allegorico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor.

O abbade Mouret (Sergio), tendo sido atacado de uma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mystica no culto da Virgem, na solidão de um valle abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao *Paradou*, antigo parque do seculo XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação allegorica do Paraiso. Ahi, tendo perdido na febre a consciencia de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdocio e da existencia da aldêa, e a consciencia do universo a ponto de ter medo do sol e das arvores do *Paradou* como de monstros estranhos—erra, durante mezes, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o genio, a Eva d'esse logar de legenda; Albina e Sergio, semi-nús como no Paraiso, procuram sem cessar, por um instincto que os impelle, uma arvore mysteriosa, da rama da qual cahe a influencia aphrodisiaca da materia procreadora; sob este symbolo da Arvore da Sciencia se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua innocencia paradisiaca, o meio physico de realisar o amor; depois, n'uma mutua vergonha subita, notando a sua nudez, cobrem se de folhagens; e d'ahi os expulsa, os arranca o padre Archangias, que é a personificação theocratica do antigo Archango. Na ultima parte do livro o abbade Mouret recupera a consciencia de si mesmo, subtrahie-se á influencia dissolvente da adoração da Virgem, obtem por um esforço da oração e um privilegio da graça a extincção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada d'humano, uma sombra cahida aos pés da cruz; e é sem que lhe mude a cor ao rosto que asperge e responde o esquite de Albina, que se as-

(*) Publicado pela primeira vez na *Revista Occidental*, de Lisboa.

phyxiou no *Paradou* sob um montão de flores de perfumes fortes.»

«Os criticos intelligentes que accusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l'Abbé Mouret* não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, que foi talvez a origem de toda a sua gloria. A semelhança casual dos dous titulos induziu-os em erro.»

«Com conhecimento dos dous livros, só uma obtusidade cornea ou uma má fé cynica poderia assemelhar esta bella allegoria idyllica, a que está misturado o pathetico drama d'uma alma mystica, ao *Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada á sombra d'uma velha Sé de provincia portugueza.»

*
**

Agora decida *Quidam* se tem a obtusidade cornea, ou a má fé cynica.

CHICO FERULA

MARINHA

(PARAPHRASE DO HESPAHIOL)

Largo se estende o mar. Como uma aza inclinada,
Estranha véla cotta
A liquida planicie azul, tranquillizada.

N'uma ilha deserta, á flor do sorvedouro,
Uma palmeira morta
Enche de matinal orvalho o spatho louro,

Emquanto chora o mar; rasga a amplidão surpresa
O sol—um cravo d'ouro
D'onde pende o painel da alegre natureza.

1885.

João RIBEIRO.

QUATRO POEMAS

Sob este titulo tem no prélo o nosso companheiro Luiz Murat, um volume composto de quatro longas poesias de largo folego e inspiração potente. São ellas:—*Flecha de Meiamün, Sonhando, Cavalleiros mortos e Templo Vasio*.

Este livro, embora de grande valor,—pois que só a *Flecha de Meiamün* seria bastante para fazer a reputação poetica de Luiz Murat—será simplesmente o *avant-coureur* de obra mais importante e de inestimavel valor artistico—as *Avalanches*, soberbo livro que deve apparecer no correr d'este anno.

Annunciando os *Quatro poemas* auguramo-lhe ruidosos e esplendidos triumphos.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

V

A despedida de Injustino

Estava o Justino de Andrade, com a sua regularidade chronometrica, no cavaco das duas horas, á porta do Sá Rocha.

Era por fins de Dezembro, o entrar do inverno academico: segundo a nossa rebatida *chapa*, começava a migração das andorinhas—em ferias.

Injustino fizera exame do quinto anno, e, approvado plenamente, recebera na cabeça aquella fórma de capello, com bolas vermelhas, em que os velhos cathedricos têm modellado tanto bacharel.

Approvado plenamente!—isto só é uma historia inteira. A gana dos examina-

dores era disparar no nome d'aquelle vagabundo todas as espheras pretas de que dispunham; mas houve quem não consentisse e batasse o pé, com um empenho de todas as forças pela *plenificação* do rapaz: foi o Furtado. Os outros dous, sabedores das troças que fizera o Injustino áquelle lente, que era tambem delegado de policia da capital, cederam afinal, mas estupefactos. Lavrada e assignada a acta, o Furtado explicou-se: Injustino ameaçara-o de repetir o anno em S. Paulo, se fosse reprovado ou ainda, approvado simplesmente.—E eu preferia, exclamava o lente de Administrativo, com o seu olhar obliquo de velho pandego, preferia que se acabassem os cadetes, ou que se acabasse o mundo, a ter de supportar mais um anno semelhante demonio!

Estava, pois, o Injustino bacharel em sciencia sociaes e juridicas, plenamente approvado; e estava o Justino nas doçuras da bella prosa á porta da loja, quando vio surgir-lhe ao lado, com o chapéu na mão em respeitosa attitudo, o terror das suas noites, o Attila das suas vidraças, o proprio Injustino, em carne e osso e sobrecasaca preta.

Nunca o vira tão serio, com tão boa cara de morigerado fillo—familias; mas tambem viu-o de relance e voltou-lhe as costas, com uma dignidade antiga. O Injustino, porém, resurgio-lhe á frente com a mesma curva reverenciosa na espinha:

—Sr. dr. Justino, venho dar-lhe uma satisfação.

Isto com uma voz humilde, de commover uma divindade de marmore.

E o Justino impassivel.

—Sr. doutor! uma satisfação não se recusa, e esta é a ultima vez que me vê: amanhã parto para a minha provincia, e não queria levar este remorso... porque eu me arrependo amargamente das minhas leviandades de rapaz contra uma pessoa tão respeitavel, contra um mestre tão sabio...

O Justino ia-se voltando para elle, insensivelmente.

—... porque a verdade é que, como estudante de Direito, sempre o respeitei muito como um civilista profundo, uma das glorias da Faculdade...

Já o civilista o ouvia frente a frente, e não era de todo máu o olhar com que o espreitava por detraz dos olhos azues.

—Seria para mim uma grande tristeza, contiuuava o estudante, com a voz unctuosa e tremula de uma contricção sincera, deixar em tão esclarecido espirito desfavoraveis recordações de minha pessoa. Venho pedir-lhe perdão de tantas loucuras de rapaz, sr. dr. Justino!

—Bem!... bem!... disse afinal o professor, com a palavra carregada de auctoridade, mas temperada de benevolencia. Este seu proceder o rehabilita. Teve os seus desmandos de rapaz; é muito novo, e isso é apanagio da idade; mas corrige-se, arrepende-se... está bem! Ora deixe-me dizer-lhe: o sr. Injustino estudava pouco, mas revelava talento. Hoje que está formado, applique-se mais ao Direito, e póde vir a ser um advogado capaz. E para o que eu lhe puder prestar, aqui estou.

—Oh! obrigadissimo, sr. doutor! a sua magnaninidade ainda mais me commove, n'esta occasião tão solemne para mim. Attrevo-me, pois, a esperar ainda um favor de sua grande bondade... Queira, sr. doutor, para provar que não guarda resentimento de mim, aceitar este pequeno mimo, que tomo a liberdade de lhe offerecer—para seu uso.

E apresentava um embrulho quadrado, em papel de seda atado com fita.

O dr. Justino escusava-se, acanhado.

—E' uma pequena lembrança, sem valor...

—Já agora me ha de lembrar o seu

nome, sem precisar lembrança: basta a nobreza do seu arrependimento.

— Mas condescenda, sr. doutor, com esta ultima impertinencia. Faça-me o obsequio de aceitar.

E estendia-lhe o objecto, quasi supplicante.

O dr. Justino, com esse gesto de cabeça que quer dizer:—Ora adeus!—aceitou.

Logo, sem mais demora, o Injustino despediu-se d'elle, apanhando-lhe ainda um abraço, e foi para defronte, para uma alfaiataria, onde estava um grupo de estudantes, á espreita. D'entre elles, dissimulando-se como os outros, observou também a loja do Sá Rocha.

O dr. Justino, quando o estudante desapareceu, voltou-se para o Ignacio e pediu-lhe uma tesoura para vêr o que seria a lembrança do rapaz.

— Algum objecto de escriptorio... dizia ao desfazer o embrulho, pesado e com muito enchimento de papel.

— E' o que ha de ser, confirmava o Ignacio.

Mas, despojado dos papeis que o disfarçavam, o objecto appareceu, ficou-lhe nas mãos, em toda a injuriosa nudez!

No mesmo instante, passava pela porta da loja o Injustino e perguntava ao civilista ainda attonito:

— Serve?... se não serve, troca-se por outra!

— Canalha! grandissimo patifel estertorou, engasgado de colera, o dr. Justino.

A lembrança, o mimo, que o rapaz lhe offerecera—para seu uso—era... uma ferradura!

LUCIO DE MENDONÇA.

THEATROS

O PALHAÇO

Afinal, a gente não tem remedio scão admirar este diabo de d'Ennery!

O nosso querido e desditoso Adelino Fontoura teve uma vez a respeito d'elle esta phrase feliz:

— « De todos os escriptores dramaticos da actualidade, d'Ennery é o que mellhor sabe fazer peças más. »

E é. Se elle um dia se resolvesse a fazer a comedia fina ou o alto drama moderno, talvez que nem o proprio Sardou pudesse com elle.

As suas peças têm um pouco da maneira italiana de Giacometti, se não são as d'este que têm a maneira de d'Ennery.

Para arranjar um entrecho, simples no fundo, e complical-o, emaranhal-o, conduzil-o pelos meandros mais mysteriosos da concatenação, entremeiando-o das scenas mais commovedoras, mais imprevisas, e mais dramaticas—para o desenredar n'um desenlace feliz e natural na ultima scena do quinto acto, não ha dramaturgo como o famoso auctor d'*As Duas Orphãs* e d'*O Palhaço*.

Apezar do genero,—que é mau e condemnavel porque sacrifica quasi sempre a verdade ao effeito,—d'Ennery é positivamente um mestre em cousas de theatro.

Os seus personagens não têm as delicadas cinzeladuras, a alta perfeição de contornos, as phrases caracteriscas, finamente espirituosas, os traços vigorosos e exactos, profundamente pessoas e typicos dos do auctor d'*Os Intimos*. Elle não se preocupa com a questão da verdade, nem mesmo com a da verosimilhança, faz os seus heroes viverem uma vida agitada, febril, desigual, contradictoria, mas fal-os viver amplamente, e, sobretudo, agir, pouco se importando que um saltimbancó seja terno e sentimental, que pronuncie phrases de rhetorica pomposa e depois não saiba fallar n'um salão da alta nobreza, mas saiba descompor os fidalgos com palavras correctas e

energicas, em periodos redondos, cheios e retumbantes; elle não se importa com isso, comtanto que o seu personagem possa no momento dado fazer explodir a platéa e fazer chorar as damas nos camarotes. Só procura os effeitos dramaticos, e, diga-se a verdade, ninguém os sabe encontrar como elle. As suas peças também não têm o que vulgarmente se chama *scena capital*; em todos os actos ha scenas veementes, grandes lances, pavorosas luctas de paixões, medonhos embates de sentimentos oppostos, grandes conflictos de caracteres heterogeneos, agindo diversamente e encontrando-se por fim frente a frente em qualquer situação, em qualquer acto.

Tal é, resumidamente, a nosso ver, o auctor d'*O Palhaço* e de cerca de quatrocentas peças mais, muitas feitas de collaboração.

O Palhaço, representado quarta-feira no Lucinda, pela companhia da actriz Appollonia, é um dos mais completos dramas de d'Ennery.

E' o conflicto do povo com a nobreza, ou antes o conflicto de uma classe das mais baixas com uma das mais altas da sociedade. Como sempre, visto que o drama é escripto para o povo, é o povo quem triumphá, pelos sentimentos de nobreza, contra a nobreza sem sentimentos.

Não daremos aqui o entrecho da peça, visto que as folhas diarias já hontem nos tiraram esse trabalho.

Diremos duas palavras do desempenho.

O actor Ferreira, um rapaz de incontestavel talento, encarregou-se do difficilissimo papel do protagonista.

Este actor, têm como poucos o defeito de servir para tudo, e é isto que o prejudica. Para que um actor possa subir ás difficeis eminencias do theatro actual, é necessario que se dedique a um só genero, ou, pelo menos, a uma certa ordem homogenea de papeis, que não seja alterada pelo disparate de ir o galan de hontem fazer o vegete ou o centro nobre de hoje, ou o *moralista* de amanhã.

Foi isto que fez com que o infeliz Pe-regrino não fosse um actor de primeira ordem e que está arrastando o actor Ferreira pelo caminho da eterna mediocridade.

No papel de Guilherme (o palhaço), foi pouco desenvolvido e pouco parlapatão no principio do primeiro acto, choroso de mais em algumas scenas dos outros, *cantando* por vezes a declamação, e fraqueando em algumas scenas de arrebatamento e explosão. Estes defeitos, porém, não vão a seguir; apparecem aqui e alli, de vez em quando, por entre scenas bem interpretadas, ditas com vigor e expressão, bem coloridas, e representadas com a verdade que a acção da peça comporta. No disfarce do quarto acto pareceu-nos muito infeliz e pouco senhor da situação, embora tivesse momentos bons nas scenas á parte com Magdalena; o final, porém, foi muito bom e dito com grande energia, assim como o final do terceiro acto. Estará melhor quando no correr das representações estiver mais á vontade e puder, por consequencia, ser mais igual no seu typo.

Apollonia pareceu-nos um tanto frouxa no papel de Magdalena, dando, comtudo, muito realce a algumas scenas, principalmente ás do ultimo acto entre ella, o marido e o avô. As canceiras de empregaria não lhe deixam, por certo, tempo e forças para mais acurados estudos; mas os notaveis recursos do seu talento supprem o que lhe rouba a contingencia da vida e ha sempre nos seus papeis um toque de delicadeza, auxiliado por uma boa gesticulação quasi sempre correcta e precisa.

Galvão... estralejou por esses ares as palavras do tyranno Lavarenes que foi uma calamidade... para o palhaço.

Simões, nobre e correcto no velho fidalgo canalha do segundo imperio, que o Sr. Moniz, traductor, regenerou no final para gaudio dos bons corações e desespero de *Quidam*.

O papel de Clelia não dá margem para brilharem os recursos das suas aptidões tantas vezes provadas, mas a velha e conscienciosa actriz fez tudo o que elle permittia.

Isolina disse com bastante graça o papel de Flora; pena é que esta artista não possa ter mais volubidade no fallar e mais desembaraco no gesto.

Muito interessante a menina Isaura no papel de Henrique.

Corrêa um bom typo de fidalgo parvo da decadencia.

Os demais actores concorreram com uma certa atnação para o exito da peça, que foi muito applaudida e promete uma longa carreira.

O scenario do 3º acto é de muito bom gosto e de um bellissimo effeito, sobre ser pintado com rara correcção e grande felicidade. E' um trabalho que faz honra ao pincel de Frederico de Barros, um rapaz que hade, em futuro proximo, substituir muito rasoavelmente o Rossi.

A traducção é boa e correcta.

Eis, com toda a sinceridade, a impressão que nos causou a primeira recita d'*O Palhaço*.

No Sant'Anna, hontem, a primeira da *Cocota*. Fallaremos no proximo numero

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SETIMA CARTA

« Sr. redactor:

Chegado que fui á casa, em companhia do resuscitado, disse a este que entrasse accendi duas velas, offereci-lhe uma cadeira e dispunha-me a ouvir com toda a attenção o fio dessa narrativa, quando elle me observou que estava a cahir de fome e precisava refazer as forças com duas ou tres costeletas antes de principiar de novo o dialogo.

— Isso agora é que é o diabo! disse eu comigo, lembrando-me de que, depois que minha mulher abandonara aquella casa, nunca mais se accendera o fogão.

O resuscitado, como se adivinhasse o meu pensamento, lembrou que fossemos ceiar a um restaurante.

— Não, respondi eu, é melhor ficarmos aqui. Temos de conversar longamente e precisamos para isso de toda a liberdade.

Eu me encarrego de arranjar o que comer, é um instante! Fique o amigo á minha espera; não me demorei muito.

E, antes que elle apresentasse alguma objecção sahi gritando-lhe:

— Até logo.

— Veja se não se demora, hein? Tenho o estomago a gemer.

Sahi de casa, metti-me no carro que haviamos deixado á porta, e fui comprar ao primeiro hotel que encontrei, o necessario para uma ceia.

— Trouxe vinho? perguntou-me o hospede, logo que me viu voltar.

— Trouxe.

— Quantas garrafas?

— Duas.

— E' pouco.

— Pouco?

— De certo. Uma garrafa de vinho não chega para nada!...

— Mas eu trouxe duas...

— Uma não se conta!

— Não comprehendendo!

— São theorias do meu educador. E desculpe não entrar por enquanto em

maiores explicações, porque já não me posso ter de fraqueza.

Dizendo isto, o meu singular hospede havia já desembrulhado a cesta dos comestíveis, e tirava de dentro o conteúdo, exclamando a cada peça:

— Bravo! Um frango assado! — Um pedaço de *roast-beeff*, esplendido! — Ostras de forno, magnifico! — Queijo de Minas, soberbo! — Pasteis de camarão, divino! — Uma linguíça, optimo!

— Creio que chega, disse eu.

— Pelo menos remedeia; affiançou o resuscitado, atirando para longe o chapéu e cravando os dentes no frango. O amigo alg m dia já passou meia semana sem comer? perguntou-me elle.

— Não me lembro.

— Pois aqui está quem já atravessou uma semana inteira, sem metter para a boca um grão de arroz. Tenho curtido muito boa fome nesta heroica cidade de S. Sebastião. Aqui onde me vê, conheço todas as delicias da miseria!

— Ninguem o diria, attendendo para esse bom humor de que dispõe o amigo.

— Ah! Mas é que eu encaro o mundo de um ponto de vista muito philosophico. Não me preoccupa absolutamente com a vida, nem com a morte. Que m'importa a mim que as cousas corram deste ou d'aquelle modo? Que m'importa que chova ou que faça frio? Acaso desejo conservar a existencia?

— O senhor é um homem singular!...

— Não, sou apenas um indifferente, sou uma sombra! Sei que nada valem, sei que tudo isto que nos cerca desaparecerá dentro de certo tempo, sei que nós todos vivemos para cumprir uma lei indefectivel da natureza, e deixo-me por conseguinte governar como um verdadeiro instrumento. Não tenho vontades, não tenho querer. Aceito a vida, aceito os factos, sejam elles quaes forem, sem lhes perguntar d'onde vieram, que significam ou qual o fim a que se destinam. Que diabo me pôde succeder com este systema? — A morte? — Puff! estou me ninando para ella! — O descredito? Mas que diabo vem a ser isso? Não aspiro posição alguma na sociedade, não pretendo nada de meus semelhantes; vivo, porque assim o determinaram os mysterios da criação; não me mato, porque seria uma massada, e deixo correrem as cousas como ellas bem entendam!

— Mas a sua philosophia não o impedirá de soffrer phisica e moralmente, quando for acomettido por alguma dôr...

— Dôr?

— Então, tambem nega a dôr?

— De certo. Soffrem apenas os que desejam soffrer.

— Ora essa! Então se eu lhe pisar o melhor calo, o senhor não dá por isso?

— Pode ser que sinta a pressão do sen pé sobre o dedo em que se acha o calo, mas juro-lhe que não experimentarei com isso impressão mais agradável ou desagradavel do que se me dessem um beijo.

— Então porque exigiu o senhor que eu fosse buscar isso com que está se regalando? Se a fome não o incommodava, para que satisfazel-a?

— Porque ella assim o quer; isso não é commigo. é com o meu estomago, que funciona por conta propria, sem me consultar absolutamente. Apenas o que eu faço é auxiliar-o, emprestando-lhe outros membros e outros orgãos. Por exemplo:

E tomou um pastel de sobre a mesa:

— O estomago deseja este pastel, para que — não sei, nem quero saber, mas precisa d'elle e reclama-o. Eu, que faço? Agarro no pastel, levo-o á bocca...

E, mastigando:

— Mastigo-o... Engulo-o e agora cada um que se arranje!

— E se o senhor não tivesse o pastel á mão?

— Teria outra coisa.

Se não fosse hoje, amanhã ou depois ou daqui a oito dias. Com a differença, porém, que daqui a oito dias, se não me apparecesse um pastel, ou cousa semelhante, lançar-me-ia ás orelhas do primeiro cidadão que me passasse ao alcance dos dentes.

— Bem; observei, já farto de ouvir as extravagantes theorias do meu resuscitado. Deixemos por ora a sua philosophia e vamos tratar do que nos interessa.

— A mim nada interessa; atalhou elle.

— Perdão, mas não se trata só do senhor.

— Sim, mas eu só trato de mim...

— Pois faça o favor de abrir uma excepção nos seus costumes e responda ás perguntas que lhe vou fazer.

— Ah! Isso não me incommoda e até me diverte. Quer conversar, não é verdade? Pois converse p'r'ahi; gosto muito de fallar, porque fallar é uma coisa excellente, não demanda nenhum esforço, não demanda dinheiro, nem paciencia, nem energia, nem instrução. A gente abre a bocca e deixa que a palavra saia, assim como agora. Vê?

Eu não faço o menor esforço para dizer tudo isto... Tenho o estomago cheio, a cabeça um pouco atordoada pelo que já falta de vinho nessas garrafas; ninguem conta com a minha vida ou com a minha morte; posso, por conseguinte, levar aqui a fallar deste modo, emquanto houver o que arder nos castiças e emquanto o somno não usar dos seus direitos e fazer-me adormecer.

— Bem; — disse eu, — mas o que eu desejo não é ouvir-o fallar e sim ouvir certos esclarecimentos que me são necessarios. Diga-me, por exemplo, como chegou o senhor a travar as suas relações com a viuva do pharmaceutico.

— Pois não! Uma noite, não sei que horas eram nem que dia da semana, achei-me cansado e morto de fome. Tinha caminhado por muitas ruas e não encontrava uma casa aberta. Afinal, dobrando para um largo, vi luz n'uma casinha de duas janellas. Fui até lá, bati. Perguntaram-me o que queria. « Quero fallar ao dono ou dona da casa. » Apareceu uma velhusca. « Quem é? — Sou eu! Faça o favor de abrir! — Que deseja? — Comer! » Iam-me fechar a porta na cara, mas não dei tempo para isso, e penetrei na casa. — « Não se assuste! » disse á velha, que parecia tremer de medo. « Não se assuste, não lhe farei o menor mal. » E, vendo que a mesa estava servida com um resto de ceia, assentei-me e comecei a comer com o mesmo appetite com que devorei o frango de ainda ha pouco. Depois tomei uma garrafa e enxuguei-a. Feito o que, abri uma porta, que dava para uma alcova, e estendi-me sobre uma boa cama que encontrei.

— E a velhusca?

— A velhusca a principio quiz ir chamar a policia, mas, á vista do meu sangue frio e talvez do ar pacifico de minha phisionomia, contentou-se em acompanhar-me os movimentos e afinal até já me achava graça. Dormi lá essa noite, dormi perfeitamente e, como no dia seguinte, a velhusca me deu almoço, deixei-me ficar até que as pernas me pediram exercicio. Fui então passear, mas logo que me senti cansado, voltei á casa da velhusca, e assim fui fazendo até que ella já não podia estar por muito tempo separada de mim, e já pagava as cousas de que eu ia precisando e já me dava dinheiro, charutos, garrafas de cerveja e balas.

— Depois?

— Depois começou a aconselhar-me que trabalhasse...

— E o senhor?

— Eu, contei-lhe a minha historia, fallei-lhe no Melindroso e disse que não

tinha elementos para ganhar a vida e que estava disposto a ir passando á mercê do acaso, até que um *bond* ou uma febre de mau caracter se lembrasse de levar-me ao cemiterio.

— Mas o facto da sua prisão?

— Ah! Vou contar-lhe tudo pelo miudo:

Sou de V. S.

Att'. cr'. e ven'.

...

POESIA E POETAS

Mais um livro de poesias, e de poesias ruins.

Intitula-se — *Mariposas*.

Ora, o que havemos de dizer do Sr. Alfredo Rocha?

Com certeza o que temos dito de outros tantos versadores que nos batem com insistencia á porta.

A *Semana*, como sabem todos, representa no jornalismo da nossa terra uma especie de força impulsora, para todos aquelles que se dedicam ás letras e que trabalham.

Não nega elogios a quem os merece mas tambem não os concede ao primeiro que surge, trazendo em vez de um livro de poesias, uma enxurrada de versos gobosos e tortos, sem inspiração, sem forma, sem cousa nenhuma que mereça a attenção da critica, o estudo e a analyse intrinseca ou extrinseca da ideia predominante do livro.

Protestamos contra esta invasão barbaresca.

Pouco importa que desagrademos aos poetas; o nosso fim é procurar destruir radicalmente essa tendencia que leva os moços brasileiros a trabalhos improficuos, desviando-os assim das suas verdadeiras aptidões.

Lemos as « *Mariposas* » e com franqueza confessamos que não gostámos e isto por uma razão muito logica: — por que o livro não é bom.

Não é preciso cital-o todo para a confirmção do que dissemos; basta transcrever alguns versos da poesia intitulada *L...* que começa por um alexandrino e que se perde depois em um labyrintho tal de versos quebrados, que se torna difficil acompanhar o pensamento do poeta, por mais que nos revistamos de coragem e de boa vontade.

Começa o poeta:

« Oh! como doces são as horas que tú, flôr
Me dás grato perfume;
E eu soffrego a sorver com tanta ancia
De ti tenho ciumes »

Só desejavamos saber o que é que o poeta sorve: as horas de prazer ou a flôr?

Creemos antes que é a nossa paciencia.

Mas... continuemos:

« E's tu, linda que me agitas, que me embalas
Em teu seio de amor.
Como o lyrio que no prado emmurchecendo
Morrerei sem ti flôr. »

Mas o poeta esqueceu-se de dizer-nos o que é que acontece ao pobre lyrio que emmurchece no prado.

Finalmente, acaba dizendo que:

« Uma virgem ideal ao menos pede
Ao céu, á terra, ao mar;
Pede seiva de vida e longa vida
Quer viver para amar. »

Pois que Deus lhe conceda a virgem ideal, a seiva e a longa vida.

Olhe, Sr. Alfredo Rocha, juramos-lhe que se possuíssemos tudo isto, tudo isto estaria ás suas ordens, mas com uma condição: — de não fazer mais versos como os das *Mariposas*.

TRATOS Á BOLA

Recebemos d'esta vez quatorze cartilhas entre essas, duas em papel velino e aromatizadas.

Naturalmente vieram de mãos femininas e enfeitantes.

Ai, gentes! Mas vamos adiante.

Os senhores A. M. de Souza, Altense M. P. G., Um caipira, D. Pastellito, Rody e Um apreciador dos Tratos. Julio Tavares, Ceresiades e o amigo do Dr. V. de Mello não deram no vinte e portanto, nenhum delles chucha o premio.

Os Nocturnos de Gonçalves Crespo vão ter a outras mãos; ás do Sr. Soares Lima, o unico que decifrou todos os Tratos e que se nos dirigio em verso e com espirito.

Eis a carta do Sr. Soares :

« O C. de L., o Pimenta espaço
Anda a suar. Pois eu penso
Que o Paranapiacaba
Devia emprestar-lhe um lenço,
Dar-lhe uma cama de lona,
Um bom charuto, um gelado,
Um cego com uma sanfona
P'ra divertir-o. Calado
Com certeza ficaria
Este senhor Napoleão,
Que em vez de espada rombuda
Penna segura com a mão.
Se elle enfadar-se enfeitar-lhe
A cama com um sobreco
E o apeardo «Microcosmo»,
Dar-lhe de palha um chapéo,
Roupa branca e para o peito
Folhuda, formosa dhalia,
E depois uma... sandalia.
Oh! D. Pastel, para mim
O premio—Os nocturnos—Sim?»

Pois não: com todo o prazer. Póde mandar buscal-o. O senhor vale dez mil charadistas, e dos bons.

Agora não descance e não se arrelie se o Pimenta achar muito apimentados os versos.

Tome cuidado, todavia, com o homem. Olhe que elle, alem de Pimenta, é... Maximiano!

Ma-xi-mi-a-nol Ouviu?

As decifrações, portanto, são as seguintes: da benedictina, Pimenta: do logogrifho, Paranapiacaba; das telegraphicas, Lenço, Lona e Calado; das fiburcianas, Napoleão (1) e Sobre-ceu; e das antigas Apear e Sandalia.

Hoje é hoje! como se diz vulgarmente para significar que é chegado o dia das moscas por cordas e dos mosquitos por arames.

A postos, charadistas de ambos os sexos!

Arregalai os olhos e afiai a perspicacia, caçadores dos Tratos!

Quem decifrar os de hoje, em primeiro logar, abiscoitará, nem mais nem menos do que...

Não. Primeiro as charadas e seu sequito: depois diremos qual é o premio. Guardemos o melhor para o fim.

Conseqüentemente, lá vae obra:

LOGOGRIPO

(Por letras)

Se ten juiz fosse havia de ter isto—5,1,4,3
Para que d'isto apenas me fiasse—5,6,4,2,1,2,6
E quando nisto o somno me embalasse—4,6,2,6
Isto já pelo espaço tinha visto—1,5,6

Pois se passar o rio isto não fosse—5,3,2,6,1,4
Como esta é possível que corresse—5,6,3,2,1
Tanto agrada a nossa alma e é tão doce—2,3,4
Que eu não veria se isto não pudesse—5,6,4.

Mas se isto o forte fortifica e guarda
E serve ainda para abrir-lhe ameias,
Tambem, Pastel! decifração não tarda;
Vaes ter as caixas e gavetas cheias!

(1) D. Pastellito tom razão. Houve um engano nesta charada:—aquella ave devia ser um animal.

BENEDICTINAS (2)

Illumina: Baça, cava, calha.

ANTIGA

Nada mais sou do que um ente—1.
Nada mais sou do que o tempo—1.
Nada, nada, nada sou.

ULTRA-NOVISSIMA

3—Substantivo medicinal; substantivo petreo; substantivo ferreo.

Decifra-se decapitando a palavra, que tem tres syllabas, de uma, até reduzi-la a monosyllabo.

Completa, dá a incognita e é substantivo medicinal; com duas syllabas, e substantivo petreo; com uma, e substantivo ferreo.

Tambem pode ser escripta assim:

1°, 2° e 3°—Substantivo medicinal.
2° e 3°—Substantivo petreo.
3°—Substantivo ferreo.

E para acabar duas

TELEGRAPHICAS (*)

1—1—1—Farofa no matto.
1—1—1—Latada corta.

E é só—por hoje.

Attendendo ás difficuldades dos Tratos e afim de contemplar tambem os decifradores das provincias mais proximas, damos para as decifrações o praso de 15 dias; serão ellas, portanto, publicadas no nosso n. 12.

Agora os

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar do Figaro Illustrado para 1885.

Os senhores sabem o que é isso? Poucos naturalmente; porque a pequena quantidade de exemplares que veio para as livrarias desapareceu d'ellas como por encanto, n'um abrir e fechar d'olhos; e acreditamos que o exemplar que damos por premio é o unico que actualmente existe em disponibilidade.

Pois o Figaro Illustrado para 1885 é uma grande revista de 20 paginas, contendo verdadeiras preciosidades artisticas e litterarias; quatro lindissimos chromos a muitas cores—o que ha de mais fino e de mais bello em chromos; varias peças de musica entre as quaes uma rapsodia hungara de Listz; numerosos desenhos e uma deliciosa pagina de portraits-charge dos mais celebres homens contemporaneos.

Emfim... o Figaro Illustrado é um eserinio nababesco de preciosidades.

Com mil demonios! Vale bem a pena dar tratos á bola um ou dous dias para ganhar um premio d'esta ordem. Principalmente não se encontrando á venda mais exemplares d'elle.

Ao segundo decifrador exacto um exemplar do tango—«A Semana—100 reis» e uma assignatura de um trimestre d'A Semana.

Ao terceiro—um tanguinho só.

Até ao nosso n. 12. portanto.

E sejam felizes!

D. PASTEL.

Recebemos:

Do Sr. José de Mello, representante da casa David Corazzi, de Lisboa, trez bonitas folhinhas chinezas.

—Para a cera do Santissimol cançoneta comica; letra de Arthur Azevedo, musica de D. Francisca de Gonzaga.

Esta cançoneta, foi ultimamente cantada pelo actor Mauro de Bellido no Theatro Principe Imperial, com grandes applausos.

(2) Veja-se a explicação que demos nos Tratos do n. 8.

(*) Vide a explicação no nosso n. 5.

—Do nosso benemerito collaborador Lucio de Mendonça, acabamos de receber uma traducção archi-primorosa!—do bellissimo conto de Alph. Daudet: Os rouxinões no cemiterio. Publical-o-emos no proximo numero.

CONSULTAS

As consultas juridicas dos Srs.—Dr. Antonio Jurumenha (Passos, Minas-Geraes) e Vasco Pereira Machado (Porto Seguro, Bahia), foram respondidas pelo correio no dia 26 do mez passado.

A' do Sr. J. F. de M. (Campos da Gramma) não respondemos por não nos haver parecido seria.

A' primeira consulta juridica do Sr. Julio Cezar Tavares Paes respondemos hontem pelo correio; á segunda responderemos brevemente.

Temos recebido entre outras as seguintes consultas:

—Do Sr. A. Pujol (Mendes), academico.

—Do Sr. Arth. de Andrade (Santos), sobre qual seja a mais moderna e mais completa historia da philosophia.

A todas responderemos com a possivel brevidade, na ordem do seu recebimento.

Devemos fazer scientes os Srs. assignantes de que não têm direito a consultar a redacção sobre questões importantes, que demandam acurado estudo—mais de uma vez por mez.

A Redacção porém não se nega a prestar quaesquer informações que lhe sejam pedidas.

CORREIO

SR. F. X. F. MARQUES; Bahia.—O seu soneto Stella é correcto, harmonioso e fecha bem. Mas tem alguns senões. Por exemplo, referindo-se á estrella, diz o senhor:

« Que achava a cousa mais formosa e bella
« P'ra se habitar... »

Chama-lhe depois—astro insigne. A imagem, alem disso, é um pouco obscura. Se não tivéssemos a certeza de que nos vae mandar cousa muito melhor, publicariamos a Stella, de que, todavia, tomaram muitos poetas ser auctor. E obrigados pelas amabilidades da sua cartinha.

SR. PALESTINO.—O seu soneto Scherazada é interessante e póde-se dizer que bom até ao primeiro terceto, inclusive. Mas o segundo, que, sendo a chave do «pequeno poema» de quatorze versos, devia ser a parte mais trabalhada e melhor, é exactamente onde se encontram mais defeitos. Quer ver? Pois releia-o, attendendo ás palavras postas em italico:

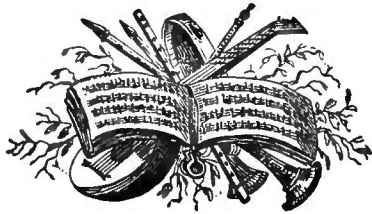
« E o sultão macilento e descorado
« E da sultana um pouco enamorado
« Brando lhe cede a vida mais um dia. »

Olhe; endireite isso, substitua, um d'aquelles adjectivos quasi synonymos, extirpe aquella segunda copulativa, enchendo melhor o verso; enfim, refunda o terceto e corrija o resto e mande-nos isso de novo. E não teremos duvida em publicar o seu soneto. Se tambem pudesse dar-lhe um novo titulo, menos cheio de massadas, isso então seria ouro sobre azul! Quanto á sua encomenda, estamos preparando-a. A demora tem sido causada pela difficuldade de encontrar um exemplar dos Cantos e Lutas, que hoje são raros.

SR. J. R. DE IDALEMA.—Recebemos suas charadas. Apparecerão brevemente nos Tratos á Bola.

SR. ALTENSE.—Póde mandar buscar os seus logogrifhos e charadas.

Serão acceitas caso prestem; D. Pastel é tão exquisito!



“A SEMANA” --- 100 RS. DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a
1\$000

LIVROS NOVOS

Acceitam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proxicamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — **3\$000.**

QUATRO POEMAS

POR
LUIZ MURAT

1\$000

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

A Semana

Acceita annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

RHEUMATISMO

Xarope anti-rheumatico vegetal de A. P. Guimarães, approvado pela Junta de Hygiene. Poderoso medicamento na cura do rheumatismo agudo ou chronico.

Vende-se na rua **Rua Primeiro de Março n. 94**, canto da dos Pescadores.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCIAENTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiaes em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Rio de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21, S. Paulo.